



# Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"

24 a 25 de setembro de 2020



**Volume XIV, n. 5, set. 2020**  
ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380

## **EIXO 5 - EDUCAÇÃO, CORPO, SEXUALIDADE, GÊNERO**

Editores responsáveis: **Veleida Anahi da Silva - Bernard Charlot**

DOI: <http://dx.doi.org/10.29380/2020.14.05.27>

Recebido em: **31/07/2020**

Aprovado em: **02/08/2020**

SINAL VERMELHO: SAÚDE MENTAL DA POPULAÇÃO LGBTQIA+ E SUAS  
URGÊNCIAS/ RED SIGN: MENTAL HEALTH OF THE LGBTQIA + POPULATION AND  
ITS URGENCIES/ SIGNO ROJO: SALUD MENTAL DE LA POBLACIÓN LGBTQIA + Y  
SUS URGENCIAS

MATHEUS ANDRADE DE MORAES

<https://orcid.org/0000-0003-1025-9318>

JOSEFA LUSITANIA DE JESUS BORGES

<https://orcid.org/0000-0003-3313-9976>

JOSE ELISSON DA SILVA SANTOS

<https://orcid.org/0000-0002-3486-5745>

**RESUMO:** O interesse pelo debate acerca da saúde mental da população LGBTQIA+ é resultante das observações e da leitura crítica dessa realidade durante o trabalho voluntário na CasAmor LGBTQI+ por dois anos. Os objetivos principais são de identificar e discutir as demandas das/dos/des usuárias/os/es[1] da CasAmor que são atravessadas/correlacionadas por questões de saúde mental. A metodologia desta caminhada sob à luz do materialismo histórico-dialético, possuindo caráter qualitativo e quantitativo. Os resultados demonstram as influências dos preconceitos e das violências no cuidado de saúde mental da nossa população. Por fim, concluiu-se que a formação sócio-histórica do Brasil entra em embates com as existências das pessoas LGBTQIA+, além de possuir particularidades a depender dos fatores classe, gênero, raça/etnia e outros marcadores sociais.

**ABSTRACT:** The interest in the debate about the mental health of the LGBTQIA + population is the result of observations and a critical reading of this reality during voluntary work at CasAmor LGBTQI + for two years. The main objectives are to identify and discuss the demands of CasAmor users who are crossed / correlated by mental health issues. The methodology of this walk in the light of historical-dialectical materialism, having a qualitative and quantitative character. The results demonstrate the influences of prejudice and violence in the mental health care of our population. Finally, it was concluded that the socio-historical formation of Brazil comes into conflict with the existence of LGBTQIA + people, in addition to having particularities depending on the factors class, gender, race / ethnicity and other social markers.

**RESUMO:** El interés en el debate sobre la salud mental de la población LGBTQIA + es el resultado de observaciones y una lectura crítica de esta realidad durante el trabajo voluntario en CasAmor LGBTQI + durante dos años. Los objetivos principales son identificar y discutir las demandas de los usuarios de CasAmor que están cruzados / correlacionados por problemas de salud mental. La metodología de esta caminata a la luz del materialismo histórico-dialéctico, tiene un carácter cualitativo y cuantitativo. Los resultados demuestran las influencias del prejuicio y la violencia en la atención de salud mental de nuestra población. Finalmente, se concluyó que la formación sociohistórica de Brasil entra en conflicto con la existencia de personas LGBTQIA +, además de tener particularidades que dependen de los factores de clase, género, raza / etnia y otros marcadores sociales.

## INTRODUÇÃO

Ao abordamos neste artigo o tema sobre saúde mental LGBTQIA+<sup>[2]</sup> chamamos atenção para o fato de que a citada temática é ampla, interdisciplinar, e, portanto, requer a conjugação dos diversos campos do saber. Nessa direção podemos dizer que a apreensão dessa realidade pode ser constatada tanto por dados qualitativos como quantitativos. A perspectiva crítica nos faz pensar para além das sexualidades e dos gêneros, ele nos desafia a trazer outras formas de interseccionalidade como classe social, raça/ etnia, pessoas com deficiência e religiosidade.

A questão de saúde mental para com nossa população está interligada pelo fator violência. Segundo pesquisa do Grupo Gay da Bahia (2018) LGBTQIA+ tem 6 (seis) vezes mais chances de cometer suicídio devido convivência com ambientes imersos no preconceito e na alienação. Foi pensando neste fato que realizamos pesquisa para entender como a depressão, ansiedade e outras doenças do trato mental afetam mais a nossas comunidades do que o grupo heterocisgênero.

Estes resultados nasceram posteriormente ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) “Costurando Resistência: Saúde Mental da População LGBTQI+ atendida na CasAmor de Aracaju/SE”<sup>[3]</sup>, o qual o autor deste artigo também é seu escritor. Desta vez a opção de escrita foi a de aproximar mais ainda as vivências que são sentidas no corpo, na alma, uma vez que o autor se autodeclare gay e *queer*.

Os objetivos principais são de identificar e discutir as demandas das/dos/des usuárias/os/es<sup>[4]</sup> CasAmor que são atravessadas/correlacionadas por questões de saúde mental. Já os objetivos específicos são: caracterizar o perfil dos/das usuárias/os da CasAmor e compreender as particularidades que envolvem pessoas LGBTQIA+ dentro das interseccionalidades já ressaltadas.

Quanto o método cabe salientarmos que optamos pelo materialismo histórico-dialético por ser o que melhor se aplica a pesquisa. Para Gil (1999) a leitura sob a ótica da totalidade leva em consideração a junção das particularidades dando sentido a elas.

Em continuidade, ressaltamos que se trata de uma pesquisa documental. “Na pesquisa documental, o trabalho do pesquisador (a) requer uma análise mais cuidadosa, visto que os documentos não passaram antes por nenhum tratamento científico” (SÁ-SILVA et al, 2009 Apud OLIVEIRA, 2007: 70).

Assim, utilizamos como uma das bases para o acesso aos dados a “*Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais*”, realizada pelo Ministério da Saúde (2013), o Relatório do Grupo Gay da Bahia “*Mortes violentas de LGBT+ no Brasil*” (2020) e o “*Dossiê assassinatos e violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019*” (2020).

Para a atualização dos dados e análises quantitativas do referido objeto de investigação foram utilizadas 30 Fichas de Cadastro preenchidas no momento do acolhimento na CasAmor LGBTQI+. Cada uma destas fichas representam uma pessoa atendida, portanto temos o recorte de 30 pessoas LGBTQIA+. Tais documentos foram previamente autorizadas pela própria Organização não-governamental (ONG), colhidos entre os meses de fevereiro e julho de 2019. “Os métodos quantitativos e qualitativos não são incompatíveis; pelo contrário, estão intimamente imbricados e, portanto, podem ser usados pelos pesquisadores sem caírem em contradição epistemológica [...]”. (CERDA GUTIÉRREZ, apud SANTOS FILHO, 2002, p. 51).

Em respeito as identidades das pessoas que compartilharam suas histórias e ao projeto ético-político, optamos por nos referir a alguns trechos retirados das fichas cadastrais trocando seus nomes por tipos de flores, uma vez a população LGBTQIA+ é mais do que mero enfeite estigmatizado. Pessoas

LGBTQIA+ apresentam energias dentro de si capazes de irem além das eras, de incentivarem a outras pessoas a se assumirem, de terem orgulho de si e de colocar a cara no sol, ou na lua.

Informamos também que para além da consulta aos documentos foi realizado a revisão bibliográfica por meio da consulta a artigos, livros e dissertações para complementar os estudos neste trabalho. Utilizamos de autores/as como Netto (2011), Foucault (1999), Prado Junior (1972), sendo estes respeitados em suas potencialidades que auxiliaram a base. Além de pesquisadores/as da área como Daniela Ghorayeb (2007), Glauber Silva (2016). Acrescidos a estes/as autores/as abrimos espaços para as vozes e escritas de pessoas LGBTQIA+, negras/os como: Megg Oliveira (2018), Sara Gonçalves Júnior (2018), Audre Lorde (1981), Jonathan Silva (2019).

Entende-se que para além das bases teóricas tradicionais existe a necessidade de apreensão das relações sociais em sua totalidade com acréscimos de outras leituras de pesquisadores/as pretos/as e/ou pessoas trans, uma vez que estas populações potencializam e atualizam os debates das profissões. Portanto, procurou-se preencher os espaços em branco através de narrativas políticas que também honrem as populações que estão sendo dizimadas por um projeto higienista renovado na lógica neoliberal de silenciamento dos/as corpos/as[5].

## **REALIDADES QUE RESISTEM**

Inicialmente é importante localizarmos o histórico da instituição, a qual foi fundada em janeiro de 2018 e segue realizando atividades até o momento presente. A CasAmor é localizada na Rua I, nº 214 no bairro Inácio Barbosa, na cidade de Aracaju/SE. Durante o seu período de atividades já acolheu mais de 200 pessoas sendo o seu público-alvo pessoas LGBTQIA+, mas que em raros casos já atendeu familiares destas pessoas que não fazem parte do recorte populacional principal.

A ONG conta com parcerias de outros movimentos como: Movimento de Trabalhadores sem Teto (MTST), a Ocupação Beatriz Nascimento (localizada no bairro Japãozinho também de Aracaju), o coletivo Mães pela Diversidade, a Associação de Travestis Unidas na Luta pela Cidadania (UNIDAS) e empresas privadas. Além disto possui apoio da Defensoria Pública do Estado e Sergipe e do Ministério Público do Estado de Sergipe.

Nas fichas cadastrais analisadas encontram-se dados básicos das pessoas atendidas, como nome, documentos, gênero, sexualidade, raça, questões de ordem classista, empregabilidade, nível de escolaridade, formas de moradia, quantitativo de pessoas que residem nela, as demandas urgentes, as necessidades secundárias, linhas de estudos sobre a totalidade de cada sujeita/o/e, mais as perspectivas de futuro.

Além dos acolhimentos para cadastro, são realizadas entregas de cestas básicas, atendimento com psicólogos/as voluntários/as, encaminhamentos para retificação de nome e gênero. Bem como rodas de conversa sobre assuntos de uma formação educacional transformadora e militância, festas bazar para arrecadar fundos de manutenção da casa, espaços artísticos para LGBTQIA+ e vivências com outras atividades.

A ideia inicial era funcionar como serviço de acolhimento na modalidade casa de passagem, com a finalidade de acolher de forma imediata e emergencial em caráter provisório pessoas vítimas de preconceito de condição sexual e/ou Gênero, que não correspondem a heteronormatividade. O foco é em situação de rua e de desabrigo oriundos de expulsão, abandono, migração e ausência de residência ou pessoa em trânsito e sem condições de auto sustento (MORAES; CRUZ, 2018, p. 10)

É necessário informarmos que o intuito principal da instituição é servir como moradia provisória para as pessoas que estão em situação de vulnerabilidade social e que além disto, foram expulsas de casa. Porém com o andar das atividades outras demandas foram surgindo o que fez as/os/es com que os profissionais passassem a dar atenção a outras áreas como assistência, educação, saúde, entre outras. Tal fato só evidencia o quão se faz necessário a perspectiva da totalidade. Em outras palavras, podemos dizer que as ações âmbito do acolhimento dos sujeitos não devem ser limitadas a uma única ação, ao contrário ela precisa ser apreendida e respondida na perspectiva da integralidade e, portanto, de acordo com as necessidades, ainda que estas não sejam perceptíveis, no primeiro momento, nem mesmo para os sujeitos que tiveram seus direitos violados.

Em continuidade, registra-se que essas atividades vinham sendo realizadas, todavia, diante da conjuntura atual, marcada pela pandemia provocada pelo SARS-CoV- 2 houve a necessidades de reorganização das ações para evitar aglomerações, então as resistências passaram a ser de cunho mais urgente, a exemplo do fornecimento de cestas de alimentação. Além disso observou-se um aumento pela procura da terapia. Acrescidos a estas atividades a CasAmor se renovou e começou a ofertar serviços por meio de plataformas virtuais como *lives* de entrevistas, momentos artísticos e conversa com outras/os/es militantes com intuito de alcançar mais pessoas.

Quanto ao perfil social das/os/es usuárias/os/es deste serviço cabe sinalizar que os dados aqui apresentados referem-se ao período compreendido entre fevereiro a julho de 2019 e que o universo da pesquisa abrangeu 30 pessoas acolhidas neste tempo.

Em se tratando das **autoidentificações por gênero** foi possível constatar um percentual maior de 23% tanto para mulheres cis quanto para mulheres trans, seguidas pela taxa de 20% de homens trans e um percentual de 17% de travestis e 17% de homens cis.

Os dados mencionados revelam que a maior demanda em relação aos serviços ofertados ocorre por parte das mulheres. Tal realidade evidencia, portanto, os escassos espaços públicos para as mulheres transexuais e travestis (tanto no campo da formação e da qualificação profissional, quanto na objetividade da vida social) empurrando-as para as periferias. Elas ocupam os espaços nos centros urbanos apenas nos momentos noturnos para exercer a prostituição. Por conta da escassez daquela formação os contextos históricos dessas mulheres ficam perdidos, uma vez que tradicionalmente somos educados com autores/as cisgêneros/as. Oliveira (2018) salienta:

A ausência de um contexto histórico contribui para restringir a existência de travestis e mulheres transexuais a sociedades contemporâneas ocidentais, bem como a determinados espaços, como “bairros de periferia, boates, praças, pensões e territórios de prostituição de diferentes capitais” (OLIVEIRA, 2018, p. 168)

Devemos compreender que esta imposição não diz respeito apenas pelas simples escolhas destas mulheres de estarem nos territórios afastados, mas principalmente por um poder hegemônico de um Estado heterocisnormativo. Uma exclusão inclusive da pirâmide classista, uma vez que as perspectivas são as mínimas de acessar o mercado de trabalho formal, por exemplo (uma vez que está alienada, reproduz o preconceito), quiçá de alcançar posições econômicas melhores.

Tal realidade só confirma o quão é excludente a sociabilidade em curso que reforça um movimento de estranhamento dos corpos/as transgêneros/as e que, portanto, produz e se reproduz a partir de um modelo de sociedade patriarcal, individualista, heteronormativa. Notamos que poucos espaços, como a CasAmor, estão abertos para o acolhimento que respeite as identidades de gênero.

“Esta reprodução, porém, não é uma espécie de reflexo mecânico, com o pensamento espelhando a

realidade tal como um espelho reflete a imagem que tem diante de si.” (NETTO, 2011, p. 25). Este efeito com olhar superficial sobre as pessoas foras do sistema[6] não afetam apenas suas localidades no território, mas também nos altos índices de violências. De acordo com a Associação Nacional de Travestis e Transexuais foram registrados, em 2019, 124 assassinatos de pessoas trans (ANTRA, 2020, p. 24).

Para Foucault “O sofrimento físico, a dor do corpo não são mais os elementos constitutivos da pena. O castigo passou de uma arte das sensações insuportáveis a uma economia dos direitos suspensos.” (1999, p. 15).

Quanto a **sexualidade** cabe ressaltar que os dados coletados exprimem que 53% são de pessoas heterossexuais, o que deslegitima o discurso conservador de que órgão sexual biológico, gênero e sexualidade são uma unidade. A maioria das pessoas trans da CasAmor se sentem atraídas pelo gênero oposto, o que as classifica como heterossexuais.

Já no que se refere aos **homens gays e mulheres lésbicas** informamos que estes representam 17% de cada categoria, seguidos de 10% de pessoas pansexuais, as quais se relacionam com pessoas que sentem atração sexual sem, no entanto, identificar as denominadas caixas de gêneros nem os órgãos sexuais. Por fim, 3% são pessoas bissexuais elas são representadas por aquelas que tem relações com gêneros masculinos e femininos.

No quesito raça/etnia 43% das pessoas se auto declararam pardas, 37% negras, 10% brancas, 8% indígenas e 3% amarelas. Neste artigo, usaremos a denominação pessoas negras ou pretas (o/a/e leitor/a/e opção de identidade que prefira utilizar).

As raças escravizadas e assim incluídas na sociedade colonial, mal preparadas e adaptadas, vão formar nela um corpo estranho e incômodo. [...] O que pesou muito mais na formação brasileira é o baixo nível destas massas escravizadas que constituirão a imensa maioria da população do país. No momento que nos ocupa, a situação era naturalmente muito mais grave. [...] (PRADO JUNIOR, 1972, p. 276)

A fala retro expressa o modo como a apropriação e a subjugação de uma raça na sociedade brasileira foi constituída, ao tempo que fornece elementos para que possamos entender o momento presente. Em outros termos, ressaltamos que o racismo estrutural e institucional da sociedade brasileira pune os/as corpos/as pretos/as e tal fato, pode ser constatado, entre outro, no que tange ao mercado de trabalho, uma vez que homens e mulheres negros se encontram ineridos em vínculos empregatícios precários e tem uma remuneração menor quando comparados a homens e mulheres brancas.

É nesse momento de encontro e vivência com o corpo e a cultura promovida por mulheres, que me sinto mais confortável, sensação que nunca consigo sentir nos momentos que me vejo arrodado por homens. E, automaticamente, no presente, eu lembro que as mulheres do Samba, quando dão suas gargalhadas perto de mim, fazem com que o meu corpo engessado por conta da minha construção de indivíduo “masculino”, estranhando minha presença em meio a tantos corpos femininos, ou até pela minha postura de pesquisador, que não se despreza dos meus gestos, me relaxa a face, a coluna, os ombros e todo o resto do corpo [...] (SILVA, 2019, p. 89).

Notamos na citação retro uma aproximação entre os marcadores de gênero, raça e sexualidade. O corpo do homem preto gay que teve a convivência com o machismo instaurado pela nossa formação

sócio-histórica e, conforme posto referência, se sente desconstruído na presença das mulheres do Samba popular. Podemos perceber a herança colonial do Brasil, ao tempo que se observa locais de resistência que provocam inovações e renovações no sujeito masculinizado, esta nova construção provoca novos meios de se contrapor ao cotidiano da sociabilidade do capital.

Colocamo-nos aqui enquanto pessoas não pretas/negras, mas que para além de uma *#blacklivesmatter*, para além de estudarmos autores/as negros/as, reconhecemos que estamos dentro de um sistema que nos é palpável de privilégios e que reproduzimos racismos. Destacamos isso não como uma forma de nos colocarmos em um local intocável de pesquisadores, mas sim de demonstrar que racismo deve ser discutido também por brancos/as e pardos/as, uma vez que estes alimentam o racismo.

Quanto ao grau de escolaridade cabe salientarmos que 44% possuem o ensino médio incompleto. Tais dados são reveladores do alto índice de abandono escolar por parte desses sujeitos/as/es. É sabido que essa fase escolar coincide com a adolescência que se caracteriza, entre outros, pelas transformações do corpo humano. A escola, também, é um espaço privilegiado de construção da identidade primária, mas contraditoriamente, tem se constituído como um espaço de produção e reprodução de práticas de *bullying*

Esse nível alarmante nos leva diretamente ao *bullying*, que é um dos nossos desafios dentro ou fora das salas de aula. A pressão dos colegas de classe, o desrespeito da classe pedagógica (seja ele por condição sexual e/ou por identidade de gênero), a pressão familiar, principalmente na fase da adolescência, faz com que a população encontre outros meios de sobrevivência. (MORAES; CRUZ, 2018, p. 12, grifo dos autores)

Das 13 pessoas que afirmaram terem parado os estudos nesta escolaridade 9 delas são transgêneras, o que indicam superficialmente uma evasão escolar, porém profundamente quer dizer uma expulsão indireta originadas pela transfobia.

Do total de treze (13) pessoas que afirmaram terem abandonado os estudos nesta escolaridade, nove (9) delas são transgêneras. Tais dados, são indicativos, que entre as causas da evasão escolar, encontramos a expulsão indireta originadas pela transfobia. Em continuidade, registramos que 30% possuem o ensino médio completo, 13% o fundamental incompleto, 10% o superior incompleto e 3% o superior completo, deste apenas 1 (um) homem cis possuía pós-graduação.

Em vista da realidade observada e verificada pelos dados da pesquisa constatamos a ausência de uma política educacional inclusiva e equânime por parte do Estado brasileiro. Nessa direção, compreendemos que a CasAmor, enquanto uma ONG, pode exercer um papel fundamental na luta pelo direito à educação e a qualificação profissional. Não pode, tão pouco deve substituir o papel do Estado como o garantidor da educação como um direito de todos (as). Mas, por outro lado sabemos que a formação não é restrita aos espaços formais. A educação não-formal constitui-se como uma das formas de conhecimento fora dos muros das instituições escolares, portanto, não devemos desvalorizar seu significado e sua contribuição social. Para Gohn:

[...] A educação não-formal designa um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício e práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltados para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que

possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica, etc. São processos de auto-aprendizagem e aprendizagem coletiva adquirida a partir da experiência em ações organizadas segundo os eixos temáticos: questões étnico-raciais, gênero, geracionais e de idade, etc. (GOHN, 2009, p. 31).

Observamos com a afirmação acima que as relações de vidas dos/as/es indivíduos/as/es contribuem também para um processo educacional além dos muros das escolas. As vivências realizadas na CasAmor trazem à tona não somente histórias de vidas, mas também ensinamentos mútuos sobre diversas temáticas, o que movimenta inclusive as formas de observarmos as relações sociais e institucionais.

## **PESSOAS QUE EXISTEM E VÃO ALÉM**

Os dados apresentados nessa seção foram identificados nos acolhimentos realizados, os quais totalizaram trinta (30). As demandas apresentadas foram diversas como: machismo, racismo, ausência de moradia, locais de moradias insalubres, dificuldades de relacionamentos, perdas dos laços familiares, perspectivas de futuro, entre outras.

De todas os tipos de demandas apresentadas o nosso universo da pesquisa se ateve àqueles que se referem diretamente à saúde mental como: depressão, suicídio, ansiedade, entre outros. Bem como contextos que levaram para estes fatores, como o conservadorismo, a religiosidade, as regras sociais, tipos de violências, encaminhamentos para terapia.

Entre as demandas postas verificamos que 2 (duas) pessoas solicitaram encaminhamento para o Ambulatório Trans do Hospital Universitário da Universidade Federal de Sergipe no polo de Lagarto, uma vez que nem todas pessoas trans desejavam realizar modificações corporais. Outras ou já estavam em acompanhamento privado ou público ou realizando a automedicação e realizando procedimentos estéticos em locais clandestinos, o que já nos leva a uma urgência de abranger a saúde pública para este tipo de serviço.

[...] é na rua que as travestis exercitam o feminino, a afetividade, as relações sociais, mas é também o espaço de consumo em geral, inclusive de drogas, silicone industrial, hormônios e outros medicamentos. A rua e a prostituição acarretam também maiores riscos de contrair DST/Aids e mais violência, o que torna esse grupo ainda mais vulnerável. A depressão, as crises de ansiedade e sensações de pânico parecem ser frequentes entre as travestis (BRASIL, 2013, p. 14).

De acordo com a citação retro, da Política Nacional de Saúde Integral LGBTI, as vulnerabilidades de transgêneras marcam as/os corpos/os de maneira assertiva e excludente. Sem a política interventista e social do Estado para oportunizar outras formas de educação, sem excluir suas culturas nem anular suas identidades, estas pessoas ficam à mercê da intervenção policial que criminaliza a prostituição, quando lhe é precívél, uma vez que algumas pessoas relatam possuírem clientes também desta corporação.

Outra demanda identificada refere-se à necessidade de retificação de nome e gênero que totalizaram 4 (quatro). Das 30 pessoas acolhidas, 7 (sete), relataram casos de expulsão de casa e/ou que residem na ocupação, denominada Beatriz Nascimento, na cidade de Aracaju/SE, e, portanto, necessitavam

de moradia ou de melhores condições nos seus locais de residência. Também se identificou que um número de 16 pessoas desempregadas e necessitavam urgentemente de emprego, sejam elas desempregadas por não conseguirem ter contato social causado pelas violências familiares ou que faziam trabalhos informais para sobreviver.

Quanto a alimentação 19 LGBTQIA+ fizeram a solicitação de receber constantemente cestas básicas, destas a maioria não se sentia à vontade de estar em um serviço público como os Centros de Referência de Assistência Social (CRAS), por medo de represálias as suas identidades.

[...] o descaso e abandono familiar e a desconstrução da “família” enquanto laço consanguíneo, mas sim a construção de uma unidade familiar que vai além da amizade comum. E esta observação é repetida em alguns outros casos onde as costuras dxs/es amigxs/es estão além de momentos felizes (MORAES, 2019, p. 104).

A questão familiar é uma das centralidades nessas demandas, uma vez que esta é a primeira instituição social que temos, porém percebemos que os laços de amizade de nossa população LGBTQIA+ nos fortificam, ainda que nem sempre sejam capazes de substituir o vazio familiar. Nessa direção, ressalta-se que 74% das/os/es usuárias/os/es afirmaram já terem passado por sofrimentos causados pelas relações familiares. “Já sofri tanta violência por parte de meu irmão. Ele já pegou um facão me expulsando de casa, pelo que eu sou. Já pensei muito em morrer. Penso nisso constantemente” (Girassol[7]).

Por outro lado, constatou-se que as pessoas que têm o apoio familiar tende a mudar o foco de suas demandas para as questões mais objetivas. “Eu tenho o suporte de minha família para qualquer decisão minha incluindo minha transição, a questão é que nem sempre temos como pagar médico particular e eu nem sempre me sinto à vontade com alguém, que não sabia o que é ser trans.” (Cravo).

Em se tratando dos tipos de dificuldades vivenciada verificou-se que se a violência psicológica esteve presente para 25 pessoas que representa (84%) do universo das 30 pessoas acolhidas. Relatando em suas histórias contadas no acolhimento. “Nunca tive nenhuma relação com a igreja cristã, e nunca participei, porque a maioria das pessoas cristãs e o padre acham que sou um pecado. Que vou ao inferno. O próprio padre disse que o pecado sou eu” (Malva-Rosa).

Primeiramente, a Igreja recomendou aos fiéis renunciar de forma definitiva a atividade sexual e conter os desejos, impedindo sua manifestação. A virgindade foi promovida pelo clero católico ao status de santidade máxima, estado que todo cristão deveria almejar (DANTAS, 2010, p. 700 e 701).

Notamos uma das bases do cristianismo criado pelo ser humano, o qual imerso na própria hipocrisia tenta controlar seus próprios desejos buscando estar mais perto do divino. A questão religiosa cristã é um item que foi algumas vezes citado como forma de repulsa pelas pessoas, umas partiram para o afastamento religioso, outras para religiões como o candomblé (as quais também não estão isentas de preconceitos e relações de poder) e outras foram cuidar de suas espiritualidades sem religiões. “Encontrei em mim os meus sagrados masculinos e femininos, não que eles tenham haver com posições de gênero, mas sim como fontes de energia entre a razão e a emoção. Hoje eu adoro a Deus, mas também as Deusas que são meu suporte espiritual” (Sempre Viva).

Das 30 pessoas cadastradas na CasAmor 23 delas, ou seja, 77% citaram que já sofreram ou continuam sofrendo violência verbal. Ainda deste recorte de 30 LGBTQIA+, 22 deles (74%)

levantaram a questão da escassez de renda e outras 22 delas (74%) relataram violências familiares. Permanecendo no valor total, 20 pessoas (67%) expressaram dificuldades de relacionamento e 4 (quatro) delas (14%) relataram já terem sofrido violência patrimonial.

Destas demandas apresentadas fizemos a observação de quais maneiras elas afetaram a saúde mental das 30 pessoas atendidas e como isso influenciou nos seus processos de sociabilidades e como estas questões as deixaram vulnerabilizadas.

*“Durante minha adolescência eu fui ensinada a me comportar de uma maneira que a sociedade desejou, que minha família desejou, passei por momentos de tristeza e desenvolvi depressão por conta das regras que me foram impostas. Hoje precisei passar a amar mais o meu corpo e me ver como alguém normal” (Rosa).*

A violência velada quanto ao controle corporal das pessoas fez com que Rosa desenvolvesse a depressão, o que a fez se afastar do próprio corpo e ter dificuldades a se encontrar novamente. “Isto atingiu freqüentemente a auto-estima dos indivíduos, o que era acentuado pelo preconceito e estigmatização.” (GHORAYEB, 2007, p. 32).

Moraes (2019) salienta que a população LGBTQIA+ é mais suscetível a esta doença justamente por conta das suas condições de vidas vulnerabilizadas por um sistema social que dificulta não somente o acesso e ou trabalho, mas também sua sociabilidade. “Eu trabalho fazendo manutenção de relógios, mas aí é tudo em casa, eu evito sair, sou de uma cidade pequena e me sinto inseguro ao sair, mesmo com minha namorada do lado. [...] a depressão me dá esse medo.” (Jasmim).

Outro dado observado junto a essa população refere-se à questão racial, pois essa dimensão é determinante e afetar as vivências, ainda que elas estejam com moradia, emprego e alimentação. “Eu moro com minha namorada, ela tem emprego e eu faço alguns bicos, tenho comida na mesa, queremos um dia ter filhos, mas basta sair na rua que todo medo começa. São tantos casos de mortes que eu prefiro ficar em casa, sem falar que sou negra.” (Tília).

[...] se eu falho em reconhecer a lésbica que escolhe não ter filhos, a mulher que permanece no armário porque a comunidade homofóbica onde ela vive é seu único suporte de vida, a mulher que escolhe o silêncio no lugar de mais uma morte, a mulher que morre de medo que a minha raiva acione a explosão dela; se eu falho em reconhecê-las enquanto outras faces de mim, então eu estou não apenas contribuindo com a opressão delas, mas com a minha própria opressão, e a raiva que permanece entre nós deve então ser usada para esclarecimento e empoderamento mútuo, não para evasão por culpa ou futura separação. Eu não sou livre enquanto outras mulheres são prisioneiras, mesmo quando as amarras delas são diferentes das minhas. E eu não sou livre enquanto outra pessoa de Cor permanece acorrentada. Nem nenhuma de vocês é. (LORDE, 1981, p. 132).

Através da autora acima notamos o quanto de faces raivosas, oprimidas, silenciadas explodem dentro das corpos/os marcadas/os/es para padecerem em um sistema conservador e capitalista, o qual as correntes da escravidão permanecem ativas. Precisamos perceber que o empoderamento não deve ser uma busca estritamente individual, relativa a conquistas de algumas pessoas, mas sim de uma coletividade, sem perder de vista a singularidade de cada sujeito/a/e.

Nem todas as 30 pessoas cadastradas disseram ter depressão, porém 25 delas (84%) citaram passar

por alguns de seus sintomas, que são a tristeza profunda e persistente além de ansiedade.

A depressão é um transtorno mental determinado pela diminuição e alteração de humor e da atividade e energia do indivíduo em realizar atividades comuns no seu cotidiano, diferenciando-se da tristeza relativa. Seus sintomas mais comuns são a tristeza profunda e recorrente, diminuição da capacidade de concentração, da autoestima e da autoconfiança, fadiga, culpa, perda de libido, pessimismo e desespero. (SILVA, 2016, p. 59)

Esses sintomas são recorrentes na população LGBTQIA+ e estes passam, dado o nível de opressão social, a aceitar comodidades no lugar de enfrentarem os problemas; o que se observa é que em algumas pessoas isso acaba gerando um consumo desenfreado de álcool e outras drogas, sem contar o constante uso de aplicativos de relacionamentos. “Eu tenho meus encontros com outros caras sempre marcados, alguns além de sexo querem usar drogas como cocaína. Sempre que dá eu acabo entrando no aplicativo para ver outros caras, mas no fundo eu estou inseguro até para namorar.” (Amor-Perfeito Negro).

Um outro fato que observamos foi um quantitativo expressivo, 16 das 30 pessoas utilizam da estratégia de afastamento social. “Eu gosto de morar sozinha porque assim não preciso ficar me preocupando com minha família me dizendo o que fazer, mas é difícil eu sair de casa e ver pessoas mesmo eu fazendo faculdade há anos aqui em Aracaju.” (Hortênsia)[8].

Com vista no exposto, concordamos Ghorayeb quando ela expressa que “a homofobia possivelmente ameaça a auto-estima e o auto-conceito dos sujeitos, reforça o isolamento social e os coloca sob grande risco de auto-negligência, possivelmente afetando a qualidade de vida dos mesmos. (2007, p. 34). Verificamos também que as dificuldades de uma das usuárias, ainda que tendo acesso ao ensino superior, eram relativas as relações sociais, pois essas encontravam-se atravessadas pela baixa estima causada pela família.

Para Moraes “o item sobre afastamento social refere-se não somente as dificuldades em relacionar-se com questões amorosas, mas refere-se também ao isolamento pelas agressões ditas e as ‘não-ditas’. (MORAES, 2019, p. 110). Notamos o quanto as palavras não comunicadas verbalmente são capazes de atingir tanto quanto, é neste momento que devemos prestar atenção no que está implícito. Existe sinal vermelho invisível que impõe limites à população LGBTQIA+. “Eu já sofri muita violência e sempre que busquei ajuda fui tratada como uma escrava por conta de quem eu sou e de minha cor. Acabei ficando com vergonha de me relacionar. E medo também” (Lírio de Calla Roxo).

A outra categoria que analisamos foi a **de automutilação** e neste sentido 17 pessoas das 30 cadastradas, ou seja, 57% citaram que experimentaram estas ações contra o próprio corpo.

*“Não vou mentir, tenho muita dificuldade de se abrir com alguém entende? Já confiei em tantas pessoas, falei sobre minha vida toda, acabei levando ‘pauetada’ pelas costas. Já fui expulsa várias vezes de casa e hoje quando corto minha pele eu me sinto melhor, pelo menos por um momento, aqui dói menos. Só agora tenho pensamentos positivos porque irei me transicionar.”*  
(Tojo)

Percebemos que histórias assim são mais do que recorrentes e, portanto, precisam ser problematizadas no âmbito dos serviços públicos de saúde afim de que se possa construir estratégias de enfrentamento e inclusão dessa população. Observe esses depoimentos: “Eu preciso me cortar, seja lá com qual objeto seja, às vezes tesoura, faca ou até tampas de plástico, tudo para desaparecer

com aquela dor que vai, mas ela volta. ” (Bromélia); “Já fiz vários cortes na minha pele para me sentir bem, minha família nunca me aceitou como eu sou. Precisei me afastar deles para as coisas melhorarem. Hoje eu parei, mas a minha adolescência foi difícil. ” (Gerbera). Tal realidade é devastadora, incide na saúde mental e aproxima-os do suicídio. Entre os/as/es 30 usuários/as/es da CasAmor um total de 22 pessoas que corresponde a 73% já tiveram ou ainda têm ideia suicida, enquanto que destes, 15 delas (50%), já tentaram o suicídio.

*“Passei por um quadro depressivo muito grande e tentei suicídio, por conta também do preconceito familiar. Eu frequentava a missa, mas antes pensava que o que sentia era errado e pecaminoso, me sentia mal. O que a igreja prega é a condenação de quem não segue seu padrão. Hoje eu penso completamente diferente, às vezes chego a me irritar com tanto de preconceito. Eu me afastei justamente pela forma como as religiões cristãs condenam as pessoas. Já cheguei a me cortar por essas coisas” (Lágrima de Cristo).*

Ao chegarmos perto de situações assim é que entendemos que existem dores as quais podemos nunca provar, justamente por conta de nossos privilégios, se o/a/e leitor/a/e consegue ler e interpretar nossas palavras já nos mostra que você teve acessos as quais outras pessoas podem nunca chegar. Ao mesmo tempo informamos que se histórias assim são similares a sua o primeiro passo é estar aberto ao diálogo com algum/a/e profissional. “Já sofri tanta violência por parte de meu irmão. Ele já pegou um facão me expulsando de casa pelo que eu sou. Já pensei muito em morrer. Penso nisso constantemente” (Adenium). Mais uma vez as violências nas relações sócio familiares provocando urgências as quais devemos prestar atenção, acrescidas dos relatos ligados à religião cristã.

“Eu sempre procuro me cortar, já tomei muitos remédios para tentar me matar e já coloquei uma corda em meu pescoço”. (Camomila). De acordo com o relatório “*Mortes violentas de LGBTQIA+ no Brasil*” (2020) o suicídio é a segunda maior causa das mortes de LGBTQIA+, ficando atrás apenas de homicídio.

Observe esses depoimentos: “Meu corpo já me incomodou tanto que tentei suicídio, por eu ser preta, favelada, gorda, tive que suportar muita coisa, mas com a benção de Oxalá eu me amo e sou linda. ” (Petúnia). “Uma vez minha mãe chamou a SAMU para mim, ela foi quem me tirou da corda que amarrei no pescoço. Ela me ama muito” (Dália Negra). “Eu já me enchi de remédios, mas hoje penso em ajudar a minha avó doente, mesmo ela sendo preconceituosa, eu deixo isso para lá e foco em quem eu sou, na minha espiritualidade. ” (Flor de Lótus).

O fio de esperança surge quando estas pessoas começam a se abrirem em cada atendimento da terapia na CasAmor, este sentimento de similaridade da militância LGBTQIA+ para com as/os/es usuárias/os/es os deixam mais abertos ao diálogo.

Notamos que as determinantes de classe, raça/ etnia, gênero, sexualidade, religiosidade são atravessadas pelos grupos de relações familiares e espaços coletivos, portanto é necessário encontrar ou criar novos dispositivos para que estes debates LGBTQIA+ não sejam realizados apenas em instituições da pauta, afinal quem criou LGBTQIAfobia foi a sociedade heterocisnormativa.

Frente aos dados expostos e a conjuntura a qual nos encontramos é mister questionarmos: Com o advento da crise sanitária de 2020 e os costumeiros cortes de verbas para a serviços públicos, como promover reforma política para que se evitem o privilégio dos planos de saúde em detrimentos dos investimentos no SUS? Observamos que a maioria das pessoas LGBTQIA+ da CasAmor não possuem trabalho formal, logo necessitam do setor público. De acordo com a Revista Piauí, entre os anos de 2001 e 2019 o SUS já cobrou 5,7 bilhões aos planos, porém até 2020 existe uma dívida de R\$ 1,7 bilhões.

O valores arrecadados em impostos deve garantir um sistema de saúde público e capaz de atender as pessoas de acordo com as necessidades de saúde que são apresentadas por elas e de modo integral e equânime, com destaque especial, frisamos, principalmente para as políticas relativas ao cuidado das doenças do trato mental, pois os altos índices de suicídio e ansiedade da população LGBTQIA+ não é apenas um dado quantitativo de mortes, mas também uma fonte de denúncia daqueles que provam da barbárie diariamente como o prato principal do dia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados objetivos e a subjetividade exposta por meio dos depoimentos aqui registrados se colocam no âmbito da luta pelos direitos, ao tempo que apresenta outras formas educativas de vida. Enquanto estamos imersas/os/es em um paradoxo do cotidiano devemos fabricar a criatividade para impulsionar as identidades, mas principalmente as coletividades.

Devemos sair dos muros das alienações a partir de novas formas societárias a partir de uma nova normalidade pós pandemia. Soltar as amarras de uma sociedade heterocisnormativa, machista, patriarcal, LGBTQIAfóbica, racista que vive de opressões nos provocar a refletirmos para então escolhermos qual caminho iremos seguir, se próximo à barbárie ou a reconstrução social.

Inclui-se aqui a luta étnico/racial, a luta pela sobrevivência das mulheres trans e travestis que em sua maioria são trabalhadoras do sexo, e que na pandemia perceberam uma queda de rendimento. De acordo com uma mestra em Educação e travesti: [...]. Daí o natural extermínio daquele que não se enquadra no frame de: homem branco, cristão, constituído com núcleo familiar supostamente monogâmico e moralista [...] (GONÇALVES JÚNIOR, 2018, p. 1 e seg.).

Com este trabalho foi possível verificamos as ligações diretas e indiretas que os preconceitos e as violências têm nas nossas vivências objetivas, mas principalmente subjetivas. Estas últimas nos afastam do autoconhecimento, do amor próprio, dos nossos/as corpos/as, das nossas formas de emancipação e nos fazem repetir o que já existe há eras. Para além disto, o ingresso na realidade da CasAmor possibilitou entender o engessamento que qualquer instituição está sujeita dentro dos poderes hierárquicos e a buscar novos meios de manter sua militância.

Devemos entender o “sinal vermelho” não apenas como forma de urgência que devemos dar atenção, mas também como um sinal que tenta nos parar, que nos mata, que arranca nossos corações, literalmente, que nos arranca de dentro para fora e vice e versa. Este “sinal vermelho” está sujo de sangue, de preconceito, de homicídios transvestidos de suicídios numa tentativa frustrada de “apaziguar” a culpa cristã moralista, que nos diz que somos aceitos desde que estejamos dentro de nossas caixas.

Ainda que nossas vidas fossem apagadas da existência física, nossas histórias, lutas, amores ainda vagariam pela imensidão da natureza que se renova, esta que cria novas raízes, novas formas, novos saberes, novos cheiros. Passaremos do sinal que nos é imposto, e também seremos capazes de estarmos em suas entranhas, marcadas pelo seu material que se oxida, nos infectando com seu sangue até que ele se evapore.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS – ANTRA (Brasil). In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS – ANTRA (Brasil). **DOSSIÊ: assassinatos e violência contra travestis e trans em 2019**. [Rio de Janeiro: RJ]: Associação Nacional de Travestis e Transexuais – ANTRA, 2019. <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2020/01/dossic3aa-dos-assassinatos-e-da-violencia-contra-pessoas-trans-em-2019.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2020.

BRASIL, BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica\\_nacional\\_saude\\_lesbicas\\_gay.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_lesbicas_gay.pdf). Acesso em: 21 jul. 2019.

DANTAS, B. S. do A. Sexualidade, cristianismo e poder. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. UERJ. Rio de Janeiro, v. 3, p. 700-728, 2010. Disponível em: <http://www.revpsp.uerj.br/v10n3/artigos/pdf/v10n3a05.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2020.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1999. (Original de 1975).

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, educador(a) social e projetos sociais de inclusão social. **Meio Ambiente e Sociedade**. São Paulo, v. 15, n. 1, p. 1-12, 2012. Disponível em <http://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/metaavaliacao/article/view/1>. Acesso em 22 jul. 2020.

GOHRAYES, D. B. **Homossexualidades na adolescência**: Aspectos de saúde mental e qualidade de vida de jovens transgêneros. Tese de Doutorado em Psicologia, Universidade Estadual de Campinas, 2012. Disponível em [http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/309446/1/Ghorayeb\\_DanielaBarbetta\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/309446/1/Ghorayeb_DanielaBarbetta_D.pdf). Acesso em 24 jul. 2020.

GONÇALVES JÚNIOR, S. W. P. **Dandara**: Mulher Travesti, um ano ausente! XX REDOR: Encontro da Rede Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero. Salvador, p. 1-6, 2018.

GRUPO GAY DA BAHIA – GGB. **Mortes violentas de LGBT+ no Brasil – 2019**: Relatório do Grupo Marcelo Domingos de Oliveira; Luiz Mott. – 1. ed. – Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2020.

LORDE, A. **Os usos da raiva**: mulheres respondendo ao racismo. *Sister Outsider: Essays & Speeches* by Audre Lorde (New York: Crossing Press, 2007), 124-133. 1981.

MORAES, M. A. de. **Costurando Resistência**: saúde mental da população LGBTQI+ atendida na Casa de Apoio. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018.

MORAES, M. A. de; CRUZ, M. H. S. **CasAmor LGBT**: de centro cultura à política pública. **CONTEMPORANEIDADE**, v. 12, n. 01, p. 1-12, São Cristóvão, 2018. [http://anais.educonse.com.br/2018/anais\\_educon.asp?tid=619&url=http://educonse.com.br/Xiicoloquio/cdanai](http://anais.educonse.com.br/2018/anais_educon.asp?tid=619&url=http://educonse.com.br/Xiicoloquio/cdanai). Acesso em: 21 jul. 2020.

NETTO, J. P. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011. <http://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/livros-e-colecoes/livrosdiversos/introducao-aos-estudos-do-metodo-de-marx.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2020.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, Vozes, 2007

OLIVEIRA, M. R. G. de. **Por que você não me abraça?** Invisibilização de travestis e mulheres transexuais e trans de negras e negros. *Sur. Revista internacional de direitos humanos* (impresso), v. 15, p. 167-180, 2018.

PRADO JUNIOR, C. **Formação do Brasil contemporâneo**: colônia. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1972.

SANTOS FILHO, José Camilo dos, et al. **Pesquisa quantitativa versus pesquisa qualitativa: o desafio**  
GAMBOA, Silvio Sanches (org.) Pesquisa educacional: quantidade e qualidade. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2002

SILVA, J. R. **Samba de Pareia pelos saberes do corpo que samba**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019.

[1] A utilização do artigo “e” foi feita para que as pessoas leitoras se sintam acolhidas não somente pelos tradicionais artigos dos gêneros masculino e feminino, mas também que qualquer gênero ou não-gênero seja abrangido. Além disto, foi necessária a utilização deste artigo para as pessoas cegas e que utilizam o aplicativo do *Google Talkback*, pois a leitura dele abrange este artigo que indefine o gênero.

[2] Lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, *queer*, intersexuais, assexuais e outras classificações.

[3] MORAES, M. A. de. **Costurando Resistência**: saúde mental da população LGBTQI+ atendida na CasAmor de Aracaju/SE. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019. Neste TCC existem informações sobre as especificidades de cada comunidade da sigla, portanto sugerimos uma leitura complementar do mesmo.

[4] A utilização do artigo “e” foi feita para que as pessoas leitoras se sintam acolhidas não somente pelos tradicionais artigos dos gêneros masculino e feminino, mas também que qualquer gênero ou não-gênero seja abrangido. Além disto, foi necessária a utilização deste artigo para as pessoas cegas e que utilizam o aplicativo do *Google Talkback*, pois a leitura dele abrange este artigo que indefine o gênero.

[5] A utilização do termo “corpas” vêm de origem dos gêneros não-binários os quais têm o intuito de descolonizar e potencializar o ativismo.

[6] A palavra “cistema” refere-se ao sistema de imposição cisnormativa, que regulam os padrões do que devem ser aceitos pela sociedade cisgênera.

[7] É válido lembrar a utilização de nomes flores no lugar dos reais nomes das pessoas, para proteger as identidades delas.

[8] Ressaltamos aqui que as citações dos/as/es usuários/as/es, portanto não modificamos a redação destas frases ainda que contendo linguística incorreta de acordo com a gramática.

\* Graduando em Serviço Social na Universidade Federal de Sergipe, UFS. Estagiário da Prefeitura Municipal de Aracaju. Membro do Grupo de Educação, Formação, Processos de Trabalho e Relações de Gênero. E-mail: mmoraes12@gmail.com

\*\* Professora adjunta da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Pós Doutora em Serviço Social, Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) com estágio doutoral na Universidade do Porto/ Portugal. E-mail: lusitaniaborges@gmail.com

\*\*\* Graduado em Licenciatura em Dança pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Professor de Dança Contemporânea, Ballet Clássico e Danças Urbanas no Centro Cubos de Dança (Aracaju – Sergipe). Experiência em pesquisa, extensão iniciação à docência e grupos de dança. E-mail: elissondt.12@hotmail.com